



ESTRELA DA TARDE, CRISTALIZAÇÃO DA POESIA DE MANUEL BANDEIRA

Maria Célia da Silva (Universidade Federal de Rondônia –
Mestrado em Estudos Literários)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar alguns poemas da obra *Estrela da Tarde*, de Manuel Bandeira, obra publicada em 1960, período que denota o amadurecimento poético deste autor. Este é o momento em que sua poesia se cristaliza e torna-se ampla de simplicidade, mas ao mesmo tempo é rebuscada e sofisticada. Uma poética que se aproxima do drama, o que T.S. Eliot (1996. P.57) chamou de *a terceira voz da poesia*, quando o poeta tenta criar uma personagem dramática que fala em versos, transforma uma fala em verso. Este trabalho é uma pesquisa analítica que privilegia as reflexões teóricas, tendo como percurso metodológico algumas orientações do Estruturalismo Francês, principalmente algumas orientações encontradas no livro *Crítica e Verdade*, de Roland Barthes. O *corpus* compõe-se de poemas pinçados de *Estrela da Tarde*: “Satélite”, “Peregrinação”, “O Beijo”, “Antologia”, “Primeira canção do Beco”, “Verde-Negro”, e leva em conta a concepção barthesiana de que toda a arte consiste em um estar ali e em retirar-lhe um ser alguma coisa (BARTHES, 2003, p.84). Os versos transformam-se em uma possibilidade artística e refletem uma *mimesis* em que a permanência das estruturas poéticas da forma e do conteúdo é o próprio projeto criativo. Vemos em Bandeira o caráter estrutural, delineado por Barthes, na sucessão articulada de certo número de operações mentais em um processo de reconstruir a realidade para recompor outras realidades, fazendo nascer algo novo. Assim, percebe-se em Bandeira um poeta estrutural, pois vem ao encontro dessa forma crítica de ver a obra de arte, absorve o porquê do mundo, não com o objetivo de explicar, muito menos justificar, todavia para dar sentido ao que escreve. Sua poesia diz o indizível.

Palavras-chave: Manuel Bandeira, Poesia, Estruturalismo.